

CAP-UERJ: COMO E PARA QUEM A ESCOLA CONTA SUA HISTÓRIA?^[1]

ISIS FLORA SANTOS – UNIRIO

isisflora@terra.com.br

É interessante se pensar como os documentos de uma Instituição podem ser pouco utilizados e percebidos como um registro de uma história a ser contada e partilhada pela sociedade na qual está inserida. Para este relato, resgato as dificuldades enfrentadas ao iniciar um delineamento da trajetória de criação do CAP-UERJ, no âmbito de uma pesquisa na área de educação. Na tarefa de desenhar tal contexto, deparei-me com a dificuldade em obter os dados e as referências em documentos escritos relativos aos acontecimentos do passado. No entanto, ao continuar com a investigação, compreendi que grande parte do vivido e praticado ao longo dos quarenta e oito anos de criação da escola fazia parte da memória das pessoas que trabalhavam e, ainda trabalham na instituição. Esse fato apareceu com grande ênfase no que tange aos dados de seu fundador: Fernando Rodrigues da Silveira^[1]. Foi, então, nesse manancial de informação e memória que consegui formar um pouco da trajetória dessa Instituição.

Dialogando com Walter Benjamin (1996), procurei resgatar um pouco da história do CAP-UERJ presente nas narrativas de alguns de seus profissionais, pois acredito que “(...)somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes (...)” e que “(...) existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram (...)” (p. 223).

Segundo as informações que pude obter diretamente com a chefia do Departamento de Ensino Fundamental do Colégio, no ano de 2005, ao idealizar e fundar a instituição, Fernando Rodrigues da Silveira ocupava o cargo de vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Segundo alguns profissionais que conviveram com o professor Fernando Rodrigues, ele era um cidadão preocupado com a instituição pública e com a sua proliferação cultural, chegando a participar do grupo de Anísio Teixeira nas discussões referentes ao escolanovismo. Para compreendermos um pouco do perfil de Fernando

Silveira e da instituição que ele criou, cabe aqui uma pequena explicação sobre os ideais do movimento.

O movimento escolanovista surgiu com maior ênfase no Brasil a partir de 1920, gerando, inclusive, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, documento no qual educadores brasileiros definem os pontos principais que deveriam ser discutidos no âmbito educacional. Os responsáveis pelo movimento buscavam uma identidade brasileira e acreditavam que a educação era fundamental para a reconstrução nacional. Acreditavam, também, na necessidade do estabelecimento de leis que regessem o sistema educacional brasileiro e chegaram a pensar na Lei de Diretrizes da Educação. Segundo os ideais presentes no manifesto, o educador precisava ter consciência dos fins e meios para realizar um projeto educacional, assumindo um novo papel, em que se estabelecesse o gosto pela crítica, pelo debate e se percebesse a necessidade de uma formação continuada. Uma das bandeiras defendidas pela escola nova foi a formação integral do aluno através de uma escola pública de qualidade, onde a criança seria o centro de todo o processo educacional, sendo respeitada em seus interesses e em sua evolução intelectual, podendo experimentar os resultados a serem alcançados e não recebê-los prontos. A idéia de “doar” o conhecimento estava, e ainda, está presente no sistema tradicional de educação, que prevalecia naquele período.

[...] o novo conceito de aprendizagem, por sua vez, baseia-se tanto sobre o novo papel dos interesses e necessidades infantis quanto sobre o papel da atividade na aquisição de padrões de comportamento. Daí a noção de “aprender fazendo” que implica, necessariamente, a mudança profunda na metodologia educativa (NAGLE, 2001, p.322).

Como afirma José Gondra (1999), foi com esses ideais que os colégios de aplicação chegaram ao Brasil. Eles almejavam a reordenação e um novo caminho para os padrões didáticos e pedagógicos na tentativa de reorganizar as escolas. Com o objetivo principal de serem um espaço de experimentação, onde se aprende a fazer fazendo, emergindo em torno de um grande otimismo pedagógico que reinava na época. Acreditando nesses ideais e

disposto a lutar por eles, o professor Fernando Rodrigues da Silveira idealiza o colégio de aplicação.^[ii]

Por estar mais voltado ao agir, pouco podemos encontrar em relação a produção acadêmica de Fernando Silveira; suas raras publicações voltam-se para as questões da biologia. Sua importância e memória são guardadas, com carinho, pelos funcionários da escola que se orgulham em terem tido o professor como fundador dessa instituição. Visando reconhecer publicamente o prestígio do seu fundador, após seu falecimento, o Colégio de Aplicação passou a se chamar Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.^[iii]

O único material ao qual tive acesso, além das narrativas, consta desse informativo institucional escrito por uma das professoras mais antigas da escola,

A imagem de mestre inovador do professor Fernando Rodrigues da Silveira está inscrita na memória daqueles que tiveram o privilégio de desfrutar da sua convivência e dos seus ensinamentos, mas, acima de tudo, o seu legado está efetivado, pintado com cores fortes, na ousadia do fazer de todos aqueles que, ao longo de décadas, vêm escrevendo a história do Instituto de Aplicação, que tem no seu patrono o exemplo de dignidade e de compromisso com a educação pública (MENEZES, 200?, informativo institucional).

Objetivamente, a pesquisa que empreendi não tem o caráter de uma pesquisa histórica. Buscando delinear algumas concepções educacionais que se desenvolvem no espaço do CapUERJ, senti necessidade de conhecer um pouco da trajetória de desenvolvimento desta instituição. Nessa tarefa, pude perceber, durante o processo investigativo, que a escola perde grandes oportunidades de partilhar a sua história com os seus pares e não dialoga sobre sua existência e seu fazer com os alunos/alunas, pais e responsáveis. O cuidado com as denominadas fontes primárias documentais é um problema que atinge tanto a própria Instituição e sua Memória quanto os pesquisadores que delas necessitam. Quanto aos demais tipos de fontes, ressalto as palavras do historiador Lucien Febvre: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se

sem documentos escritos, quando não existem. [...] Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas.”[\[iv\]](#)

Nas lembranças recolhidas, encontrei o fio condutor de uma narrativa rica em informações que constroem a memória da instituição que pesquiso. Fora daqueles que guardam tais lembranças, como elas continuaram a construir sentidos para todos que as ouvirem? Nesse sentido, acredito que um dos primeiros movimentos no sentido de manter essa história viva é a escola se contar para sua comunidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política**. 10.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1996.

FEBVRE, Lucien. Vers une autre histoire. Apud LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

GONDRA, José Gonçalves. Excelência e exclusão. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.) **A democracia no cotidiano da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MENEZES, Leila Medeiros. Uma história de compromisso com a educação pública. **Informativo Interno do CAP-UERJ**, Rio de Janeiro, 200?

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na primeira República**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

[\[1\]](#) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação, Mestranda Em Educação

[i] Nasceu no Rio de Janeiro, em 30/01/1893, vindo a falecer em 16/12/1970. Era formado em medicina e desde cedo optou pelo magistério, lecionou no Instituto de Educação onde foi diretor por um período e botânico itinerante do Jardim Botânico. Participou ativamente da criação da UERJ.

[ii] Essa afirmação esteve presente nas conversas que tive com uma das professoras que conviveu com Fernando Rodriguez da Silveira, o qual era considerado, por ela, amigo pessoal de Anísio Teixeira.

[iii] Sendo hoje chamado Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, a partir do processo 4056/DAA/97, aprovado pelo CSEP em novembro de 1997 em resolução nº 005/01.

[iv] FEBVRE, Lucien. *Vers une autre histoire*. Apud LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

Filename: Document2
Directory:
Template: C:\Documents and Settings\Renata\Dados de aplicativos\Microsoft\Templates\Normal.dotm
Title:
Subject:
Author: Renata
Keywords:
Comments:
Creation Date: 27/1/2008 21:55:00
Change Number: 1
Last Saved On:
Last Saved By:
Total Editing Time: 22 Minutes
Last Printed On: 27/1/2008 22:17:00
As of Last Complete Printing
Number of Pages: 5
Number of Words: 1.503 (approx.)
Number of Characters: 8.119 (approx.)